

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## IMIGRANTES URBANOS EM ATIVIDADES RURAIS: O CASO DE ALGUNS SÍRIOS E LIBANESES NO SUL DO ESPÍRITO SANTO (1920)

Adilson Silva Santos  
Instituto Federal do Espírito Santo  
[adilson.santos@ifes.edu.br](mailto:adilson.santos@ifes.edu.br)

### Introdução

Sírios e libaneses chegaram ao Espírito Santo por volta das duas últimas décadas do século XIX. Campos (1987) identificou a presença destes indivíduos em Alegre, por volta de 1880 e Santos (2019), entre 1892 e 1895, em Itapemirim e Cachoeiro de Itapemirim. A partir daí, assentaram-se em praticamente todos os municípios capixabas, de norte a sul. Essa imigração oriental caracterizou-se, entre outras coisas, pela ausência de subvenção do Estado, bem como por seu caráter estritamente urbano. Contudo, o Recenseamento das Propriedades Rurais do Brasil, de 1920, mostrou que, alguns deles adquiriram propriedades agrícolas e se dedicaram à agricultura.

Outros documentos, entre as quais os inventários *post mortem*, dão indícios de que, o envolvimento em atividades rurais não representou a primeira opção de atividade econômica, mas tratou-se de uma ocupação complementar ao comércio, este escolhido como negócio principal. Por outro lado, pode ter sido uma forma de investir o capital amalhado por meio do trabalho duro em seus estabelecimentos comerciais (SANTOS, 2019). Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a inserção dos sírios e libaneses em atividades rurais no sul do Espírito Santo. Busca-se, também, apresentar aspectos da trajetória de alguns desses imigrantes em terras sul capixabas.

As fontes históricas utilizadas são a Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Rurais do Estado do Espírito Santo, disponível no Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920, além de dois inventários *post mortem* do distrito de Mimoso, localidade que, à época, pertencia ao município de São Pedro do Itabapoana. A principal hipótese para que sírios e libaneses se dedicassem às atividades rurais é o fato de estarem familiarizados com o trabalho no campo, levando-se em consideração que as características fundiárias e laborais do Brasil e do Espírito Santo à época, eram

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

completamente diferentes daquelas nas quais esses sujeitos migrantes estavam envolvidos em suas terras de origem.

## **O assentamento de sírios e libaneses no sul capixaba**

A imigração síria e libanesa no Espírito Santo tem sido um tema pouco investigado pela historiografia capixaba. Se por um lado há uma grande produção acadêmica sobre outros imigrantes europeus, como italianos e alemães, por exemplo, sobre esses sujeitos migrantes existem pouquíssimos trabalhos. Conforme salientou Nara Saletto (2014), há a falsa impressão de que a maioria dos capixabas é descendente de italianos, o que é um equívoco se levarmos em consideração a multiplicidade de grupos étnicos que compuseram o tecido social espírito-santense.

Trata-se de uma imigração não subvencionada pelos governos federal e estadual, fundamentalmente urbana, com alta dispersão demográfica, cujo marco inicial em relação ao Brasil é o ano de 1870 (TRUZZI, 1997). No caso do Espírito Santo, Campos (1987) afirmou, que já havia imigrantes libaneses em Alegre, no sul capixaba, em 1880. Praticamente, todos os municípios capixabas receberam levas de sírios e libaneses, aonde revolucionaram as atividades comerciais. No entanto, parecem invisíveis no cômputo dos imigrantes que se assentaram no território capixaba (SANTOS, 2019).

Se por um lado há poucos trabalhos sobre essa imigração no Espírito Santo, por outro é ainda menor - praticamente nulos -, os que tratam da inserção desses imigrantes na produção agrícola. Conforme assinalou Truzzi (1997), muitos dos sírios e libaneses que emigraram eram agricultores em suas terras natais. Em pequenas propriedades familiares, cultivavam cereais, árvores frutíferas, oliveiras, vinhedos, criavam pequenos animais, e toda produção era destinada ao mercado local. Estavam envolvidos na venda de seus produtos, o que os aproximava da condição de comerciantes, porque lhes era familiar (TRUZZI, 1997).

No entanto, dadas as características fundiárias no Brasil, entre as quais a predominância do latifúndio agroexportador, as dificuldades do trabalho como colono, da impossibilidade da aquisição de terra num curto espaço de tempo, da necessidade

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

premente de fazer dinheiro para se manter e, principalmente, para ajudar a família, sírios e libaneses optaram por atividades que lhes possibilitasse adquirir algum capital de forma rápida. Por isso, num primeiro momento dedicaram-se à mascateação para, posteriormente, instalarem uma loja (TRUZZI, 2000). Segundo esse autor,

[...] embora a maioria deles estivesse vinculada à atividade rural em suas terras de origem, depararam-se [...] com um sistema de grandes lavouras em tudo diferente do que conheciam. Vieram sem recurso, o que lhes impediam de se estabelecerem como proprietários. Em particular, em face de uma estrutura agrária concentrada, teriam de fixar-se como colonos ao longo de pelo menos uma ou duas gerações, para terem a chance de conquistar acesso a algum tipo de propriedade rural que os mantivesse em suas atividades originais (TRUZZI, 2000, p. 320).

Os recém-chegados ao Brasil contavam com a ajuda de um patrício, isto é, de um parente, amigo ou conterrâneo, aqui chegado anos antes, que já havia se estabelecido. Ele ajudava com algumas mercadorias em consignação, hospedagem e as primeiras palavras em português, elemento fundamental para o ofício da mascateação. De acordo com Gattaz (2012, p. 93),

Depois de alguns anos de trabalho, enquanto muitos retornavam ao Líbano, onde se destacariam em suas localidades de origem pela riqueza amealhada no Brasil, outros preferiam aqui se estabelecer – normalmente através de um armazém de secos e molhados em cidades do interior que ainda não dispunham desse benefício (nas cidades, além dos secos e molhados, outros negócios comerciais mantidos por sírios e libaneses eram lojas de tecidos, restaurantes, bares e similares) [...].

A abertura de lojas contribuiu para a consolidação desses imigrantes no comércio, prosperando e revolucionando as atividades comerciais (TRUZZI, 1991). Por outro lado, no sul do território espírito-santense predominava a grande propriedade monocultora voltada para o mercado internacional, cujo produto principal era o café e, portanto, sírios e libaneses precisaram se adaptar também a essa realidade. O sul era, do ponto de vista econômico, a área mais importante do estado, por causa da produção cafeeira (SALETTTO, 1996). Tanto que, de acordo com o Censo Demográfico de 1920, dos 810 sírios e libaneses residentes no Espírito Santo, 504 se assentaram no sul capixaba, o que representava 62,2% do total desses imigrantes<sup>1</sup>. A maior parte deles optou pelas atividades urbanas, como ocorreu em todo o Brasil, mas alguns decidiram a ocupação rural, o trabalho na terra, particularmente, na produção de café.

---

<sup>1</sup> Censo demográfico de 1920.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Sírios e libaneses em atividades rurais

A imigração síria e libanesa para o Brasil caracterizou-se, entre outras coisas, por seu caráter urbano, o que também se verificou em relação ao Espírito Santo. Segundo Saletto (1996, p. 175), esses sujeitos migrantes

[...] poucos traços deixaram na vida rural, destacam-se em Vitória e Cachoeiro [...]. No censo de 1920, eles eram 16% dos estrangeiros de Vitória, a terceira nacionalidade, enquanto no estado, constituíam menos de 5% dos estrangeiros. Estes sim, eram essencialmente urbanos, e adquiriram uma forte posição no comércio capixaba, principalmente na capital e na região sul (SALETTTO, 1996, p. 175).

Se por um lado se assentaram, principalmente, nas cidades capixabas, a Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Rurais do Estado do Espírito Santo, produzida pelo Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920, mostrou que alguns sírios e libaneses fugiram à regra, tornaram-se proprietários rurais e se dedicaram às atividades agrícolas. Pelo que foi possível apurar, das 8.305 propriedades agrícolas recenseadas no sul capixaba em 1920, 43 pertenciam a sírios e libaneses, como mostra a Tabela 1, a seguir. Isso corresponde a, mais ou menos, 0,5% do total.

**Tabela 1: Relação de sírios e libaneses proprietários rurais no Espírito Santo (1920)**

Município	Nome	Estabelecimento ou Localidade
Alegre	Felipe Felix Tanure	Estação Rive
Alegre	Mansor Cade	Serra da Anta
Alegre	Antônio Pedro Ecar	Sobra
Alegre	Felix Hatum	Santa Cruz
Alegre	Salomão Aride	Liberdade
Benevente <sup>2</sup>	João Jorge & Cia	Fazenda do Limão
Benevente	Abbidalla José Sabbagh	Ponta dos Castelhanos
Benevente	Coronel Pedro José & Cia	Fazenda Imboacica
Benevente	José Aisse Brumana	Barra do Joeba
Benevente	João Jorge & Cia	Fazenda do Limão
Cachoeiro de Itapemirim	Asimo Chequer	Gavião
Cachoeiro de Itapemirim	José Raymundo Depes	Capim d'Angola
Cachoeiro de Itapemirim	José Raymundo Depes	Jaboticabeiro
Cachoeiro de Itapemirim	José Raymundo Depes	Pedreiras
Cachoeiro de Itapemirim	José Mussi	Fazenda Exame
Cachoeiro de Itapemirim	Kalil José Elhage	Fruteiras
Cachoeiro de Itapemirim	Elias Simão	Vargem Grande
Espírito Santo do Rio Pardo <sup>3</sup>	Antônio Raymundo Deps	Vargem Grande

<sup>2</sup> Benevente, hoje, é a cidade de Anchieta.

<sup>3</sup> Atualmente, é a cidade de Iúna.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

Espírito Santo do Rio Pardo	Miguel Deps	Águas Claras
Espírito Santo do Rio Pardo	Cândido Chamon	São Pedro
Espírito Santo do Rio Pardo	Pedro Chamon	Síria
Espírito Santo do Rio Pardo	Oscar Chamon	Retiro
Espírito Santo do Rio Pardo	Oscar Chamon	São Paulo
Espírito Santo do Rio Pardo	Jorge Chamon	Oratório
Espírito Santo do Rio Pardo	José Jorge	Santana
Itapemirim	José Brumana	Barbados
Piúma	Jorge Aarão	Mote Belo
Ponte do Itabapoana <sup>4</sup>	Minassa & Irmão	Ponte do Itabapoana
Rio Novo <sup>5</sup>	Abess Alli	Rio Novo
Rio Novo	Elias Miguel	Pau d'Alho
Rio Novo	José Elias	Richmond
Rio Pardo <sup>6</sup>	Nacife Alcure	Córrego Neblina
São João de Muqui <sup>7</sup>	Miguel José Mileipp	São Luiz
São João de Muqui	Francisco Oazem	Sítio Felicidade
São José do Calçado	Elias Jorge Féres	Ponte
São José do Calçado	Jorge Muxe	Fazenda Monte Líbano
São José do Calçado	Jorge Muxe	Fazenda da Paciência
São José do Calçado	Aristides José Raggi	Estrela
São José do Calçado	Aristides José Raggi	São Benedito
São Pedro do Itabapoana <sup>8</sup>	Jorge Aly	Alto Pharol
São Pedro do Itabapoana	Antônio Acha	Santa Cruz
São Pedro do Itabapoana	Elias Acha & Irmãos	Santa Cruz das Flores
São Pedro do Itabapoana	Salim e Miguel Aridis	Barra da Fortuna
<b>Total: 43</b>		

Fonte: Organizado pelo autor<sup>9</sup>

Campos (1987)<sup>10</sup> já havia observado que, em todo o Espírito Santo, o número de proprietários de terra de origem libanesa era de 89 indivíduos, contudo afirmou que, provavelmente, essa quantidade era muito maior. Segundo a autora, o que explica esse número menor é que muitas das propriedades não foram cadastradas e, além disso, como sírios e libaneses ocuparam terras devolutas, a legalização era mais demorada (CAMPOS, 1987). Não obstante isso,

As crises do café provocaram a derrocada de muitos fazendeiros, afetando diretamente e de maneira considerável as grandes casas comerciais que abasteciam e forneciam crédito. Muitos comerciantes brasileiros e libaneses faliram e outros apropriaram-se das propriedades que estavam em débito (CAMPOS, 1987, p. 89).

<sup>4</sup> Atualmente, é a um distrito da cidade de Mimoso do Sul.

<sup>5</sup> Atualmente, é a cidade de Rio Novo do Sul.

<sup>6</sup> Atualmente, é a cidade de Muniz Freire.

<sup>7</sup> Hoje, corresponde à cidade de Muqui.

<sup>8</sup> Atualmente, São Pedro do Itabapoana é um distrito da cidade de Mimoso do Sul.

<sup>9</sup> Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920.

<sup>10</sup> Campos (1987, p. 88). Tabela XVII: Relação de propriedades rurais recenseadas em 1920 nos municípios do Estado do Espírito Santo pertencentes a libaneses.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O critério para a identificação destas propriedades como pertencentes a sírios e libaneses foi o nome e sobrenome dos proprietários, que é de fácil reconhecimento para quem tem um pouco de “intimidade” com a pesquisa sobre essa imigração. No entanto, como muitos destes sujeitos migrantes aportuguesavam seus nomes, pode-se afirmar que o número de propriedades pode ser ainda maior. Uma parte significativa dos nomes dos proprietários identificados já eram conhecidos, porque constavam de outras fontes pesquisadas, como registros civis, processos diversos, relatos orais, inventários etc. Isto também facilitou a identificação.

Há outras pistas importantes: no município de Espírito Santo de Rio Pardo, o sírio e libanês Pedro Chamon denominou sua propriedade de Síria e, em São José do Calçado, Jorge Muxe (Mussi) era proprietário da Fazenda Monte Líbano. Em ambos os casos, possivelmente, homenagearam suas terras natais. De acordo com a Tabela 1, o município de Espírito Santo de Rio Pardo detinha o maior número de propriedades, 8; Cachoeiro de Itapemirim com 7, Alegre, Benevente e São José do Calçado, com 5 cada um; São Pedro do Itabapoana, 4; Rio Novo, 3; São João de Muqui, 2; Itapemirim, Piúma, Ponte do Itabapoana e Rio Pardo, 1<sup>11</sup>.

Não obstante isso, para Campos (1987, p. 89)

O certo é que a agricultura não foi a atividade preferencial do libanês. No entanto, a maioria dos que a eles se incorporaram tornaram-se grandes proprietários, como é o caso de João Miguel, na Serra, que chegou a possuir 6 propriedades cadastradas no recenseamento de 1920; os Cade, em Alegre; os Acha e Minassa, em São Pedro do Itabapoana; os Deps, em Cachoeiro de Itapemirim e no Espírito Santo do Rio Pardo; Jorge Aarão, em Piúma (Monte Belo)”.  
O certo é que a agricultura não foi a atividade preferencial do libanês. No entanto, a maioria dos que a eles se incorporaram tornaram-se grandes proprietários, como é o caso de João Miguel, na Serra, que chegou a possuir 6 propriedades cadastradas no recenseamento de 1920; os Cade, em Alegre; os Acha e Minassa, em São Pedro do Itabapoana; os Deps, em Cachoeiro de Itapemirim e no Espírito Santo do Rio Pardo; Jorge Aarão, em Piúma (Monte Belo)”.

Se a maioria dos sírios e libaneses que adentraram ao Espírito Santo se inseriram em ocupações urbanas, predominantemente no comércio, por que alguns se dedicaram às atividades agrícolas? Uma análise de outras fontes históricas dão sinais, indícios (GIZNSBURG, 1989) de que para alguns, as atividades rurais eram complementares, ou seja, grandes comerciantes sírios e libanês investiram o capital amealhado em propriedades agrícolas. Por outro lado, houve os que dedicaram-se exclusivamente ao

---

<sup>11</sup> Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

trabalho na terra. Analisemos no primeiro caso, o comerciante Elias Acha e, no segundo, o lavrador Jorge Aly, ambos residentes em São Pedro do Itabapoana, no extremo sul capixaba, na divisa com o Rio de Janeiro.

Para esta análise, a fonte utilizada são dois inventários *post mortem*, das esposas de ambos, já analisados por Santos (2019). Elias Acha era sócio, com Antônio e Saliba Acha, seus irmãos, da firma Elias Acha & Irmãos, localizada em Mimoso, distrito de São Pedro do Itabapoana. Era uma loja de tecidos e armarinhos, mas que, também, comprava café. Nascido em Trípoli, Elias emigrou para Mimoso em fins do Dezenove, com a esposa e filha. Sua esposa, Ruda Acha, faleceu em 1913 e foi preciso fazer o inventário dos bens e, entre eles havia “[...] 46 alqueires de terra no distrito de São José das Torres, avaliados em dois contos e quatrocentos mil réis”<sup>12</sup>. “[...] contavam ainda cinco mil pés de café, três casas para colonos, três animais velhos e uma carroça” (SANTOS, 2019, p. 200-201).

Santos (2019) apurou que a firma Elias Acha & Irmãos foi uma das mais importantes de São Pedro do Itabapoana e do sul capixaba, cujo crescimento econômico era visível ao longo dos anos. Seus sócios eram credores de muitos indivíduos da região. Só dois clientes lhes deviam quase 50 (cinquenta) contos de réis: Jorge Aly, que tinha uma dívida de aproximadamente 14 (quatorze) contos de réis; e Felipe Monteiro, que acumulava um débito de 35 (trinta e cinco) contos (SANTOS, 2019). Uma pequena fortuna para a época!

Não obstante isso, parte dos lucros auferidos pela firma foram utilizados na compra de imóveis, tanto no centro da cidade (BARROS; FARIA, 2018), quanto na zona rural. Portanto, a situação de Elias Acha apresenta um exemplo de mobilidade comum, porque alguns imigrantes sírios e libaneses, depois de mascatear e se estabelecer no comércio, adquiriam propriedades rurais, mas não eram sua fonte de renda principal. No caso do Espírito Santo, propriedades produtoras de café era uma maneira de investir o capital amealhado, ou seja, era uma renda complementar.

---

<sup>12</sup> Inventário de Ruda Acha, s/nº, 17/02/1914.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Era portanto, uma atividade acessória, que visava, ao presente, porque o café que sua propriedade produzia poderia ser exportado e/vou vendido em sua própria casa comercial; e ao futuro, como algo de que pudesse desfrutar econômica e socialmente, posteriormente, já que a propriedade poderia fornecer uma renda extra. De acordo com Truzzi (2019, p. 12) “[...] é interessante notar que no interior o sucesso das atividades comerciais dos sírios e libaneses se desdobrou em investimentos nos setores imobiliário e agropecuário”. Esta situação se verificou no caso de Elias Acha.

Outro inventário era o da esposa de Jorge Aly, um sírio e libanês, que residia em São José das Torres, que, assim como Mimoso, era um distrito de São Pedro do Itabapoana. Antônia Crespo, esposa de Jorge Aly, faleceu em 1926 e, entre os bens do casal constava “[...] 20 alqueires de terrenos em matas, lavouras e capoeiras; oito mil pés de cafés velhos e novos; uma casa de residência; três casas para colonos; um moinho para a produção de fubá”<sup>13</sup>. De acordo a Tabela 1, sua propriedade se localizava num local chamado Alto Pharol.

Embora Santos (2019) não tenha conseguido apurar muitas informações sobre a trajetória de Jorge Aly, uma vez que a única fonte que contém dados sobre ele era um inventário, o autor observou que seu itinerário não foi aquele seguido pela maioria dos imigrantes sírios e libaneses, qual seja o de mascate e, posteriormente, dono de loja. Ele não foi comerciante, mas adquiriu uma propriedade rural; tampouco sabe-se se mascateou. Trata-se de um caso bastante interessante, porque, conforme apontou Truzzi (2019, p. 12), “[...] no que concerne às propriedades rurais, ressalte-se serem bastante improváveis, entre imigrantes sírios ou libaneses, trajetórias exclusivamente rurais, pautadas pela progressiva ascensão de colonos a sitiantes e destes a fazendeiros”.

Truzzi (2019), narrou a trajetória de um libanês chamado Feres Sadalla:

Ele começa pela mascateação, mas logo a abandona: “gostava de trabalhar na terra”. Sem recursos para adquirir uma propriedade, passa a ser arrendatário, mas logo percebe que seria mais lucrativo comercializar frutas e, a partir de então, seu negócio se desenvolve, conduzindo-o à condição de comerciante e fazendeiro em um espaço de tempo relativamente curto. (TRUZZI, 2019, p. 13).

---

<sup>13</sup> Inventário de Antônia Crespo, nº 816, 05/01/1927.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Apesar de ter se dedicado ao trabalho na terra, a situação de Feres Sadalla é bem diferente, já que saiu da condição de comerciante para a de fazendeiro. Isso não se aplica ao caso em tela. Outra situação que torna a trajetória de Jorge Aly ainda mais importante diz respeito aquilo que advertiu Almada (1993, p. 23): “O vale do Itabapoana, porém [...], além de absorver pequeno número de estrangeiros [...], não lhes facilitava o acesso à terra [...]”. A autora justifica esta afirmação com base no pequeno número de estrangeiros, que conseguiu adquirir terras naquela região, a mesma em que Jorge Aly se assentou.

Um último exemplo é o de Felipe Felix Tannure e sua trajetória traz indícios da relação de afeto, que esses imigrantes tinham com a terra, apesar de residirem em centros urbanos. Oriundo da cidade libanesa de Tanurim, Felipe Felix Tannure emigrou para o Brasil em 1900. Depois de residir no Rio de Janeiro e São Paulo, se assentou em Cachoeiro de Itapemirim para, depois de desfazer a sociedade com o irmão, fixar-se em Rive, no município de Alegre. Ele também aparece na relação de proprietários rurais de 1920. De acordo com sua neta

Ali comprou um pequeno latifúndio, que começava em frente à estação de ferro. E se expandia... tinha riacho, tinha mata virgem e... na rua, propriamente dita, ele construiu um prédio, onde eles moravam. O armazém, [...] naquela época se chamava de secos e molhados, mas tinha mais... Hoje, eu diria que era um pequeno supermercado. Porque ele vendia tecido, sapatos e... tinha também uma máquina de pilar café, vários armazéns onde guardava o café que chegava. Ele comprava da redondeza toda... E depois que pilava, ele exportava café. Ele foi um exportador de café (SANTOS, 2019, p. 256 apud MOULIN, 2018).

O caso desse imigrante difere um pouco da situação de Elias Acha e Jorge Aly, porque a atividade agrícola não lhe foi complementar ao comércio, tampouco dedicou-se exclusivamente à agricultura. Procurou desenvolver as atividades comerciais, num espaço cercado pela natureza e por elementos de ruralidade. Isso porque, segundo Santos (2019 apud Moulin, 2018), eles davam muito valor à agricultura. Na propriedade que comprou em Rive havia um prédio aonde instalou o comércio e, no segundo pavimento, sua residência. Contava ainda com um trecho de mata virgem, córrego, lago, além de pomar, horta, jardim.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ele tinha uma horta fabulosa onde se plantava tudo, tudo... e ele fiscalizava aquela horta de terno e gravata. [...] E como ele desviou um curso de um riacho que passava e fez um lago enorme e desse lago ele colocou canos que abasteciam não só o casarão dele. Tinha água com fartura. A horta, os canteiros eram todos circundados por água, então não tinham formiga. Tomate, tomatinho, tomate, pepino, rabanete, nabo, quiabo, alface... tudo que você pensar. Aí ele levava um canivete e levava um pouquinho de sal embrulhado num papel de renda, porque não existia plástico... Tirava o rabanete, lavava muito bem, ali, raspava, passava sal e me dava. [...] É. E as árvores frutíferas? Tudo que você imaginar tinha no pomar: figos maravilhosos! Eu comia figo tirando, assim, da figueira. Figos, é... cajueiros, goiaba de tudo quanto era tipo, mangas... mangas de todos os tipos. Jenipapo, canela... ele plantava árvores. Eu lembro de árvores de canela, que nunca mais eu vi. E a parreira, eu pegava uva na parreira assim para comer. [...] O jardim eu sinto o perfume ainda, eu sinto perfume das orquídeas, das violetas, jasmim, era uma casa perfumada. Você chegava, a casa era perfumada (MOULIN, 2018 apud SANTOS, 2019, p. 257).

A afirmação de Ariette Moulin, neta de Felipe Felix Tannure, sobre o fato dos sírios e libaneses darem muito valor à agricultura pode ser uma das razões para que esses imigrantes adquirissem propriedades agrícolas, o que se fundamenta no passado como agricultores em suas terras natais. Não obstante isso, a relação de seu avô com seu “pequeno latifúndio” mostrou que há outros componentes: a afinidade com o cultivo da terra e com o que ela produz, e o afeto que traz à luz memórias e lugares de memória aos quais sírios e libaneses desejavam reconstruir, reconstituir aonde se assentaram.

Santos (2019 apud Moulin, 2018) descreveu com detalhes a horta, o pomar e o jardim e faz alusão aos cheiros da casa. É claro que a horta, o pomar e o jardim a que esses sujeitos migrantes estavam acostumados em suas terras de origem eram completamente diferentes daqueles construídos no sul capixaba. No entanto, se por um lado a narrativa de Moulin (2018), analisada por Santos (2019), trata da reconstrução da memória dela a respeito da casa do avô, por outro esses imigrantes eram portadores de campanhas de memória (MATOS, 2014) diferentes, mas fundamentais para a manutenção de suas identidades. Isso porque, segundo Candau (2016, p. 156), a “[...] memória e a identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com nome, e que se constituem como preferências perenes percebidas como um desafio ao tempo”.

## Considerações finais

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os exemplos de Elias Acha, Jorge Aly e Felipe Felix Tannure a respeito dos usos e das razões pelas quais sírios e libaneses adquiriram propriedades rurais no sul do Espírito Santo mostraram “[...] condicionantes e características distintivas da inserção socioeconômica de sírios e libaneses [...]” (TRUZZI, 2019, p. 2) nesta região. Não obstante isso, trouxe à lume a constatação de que, embora não fosse a atividade econômica preferencial da maior parte deles, foi utilizada por alguns, inclusive como principal fonte de renda. Nesse sentido, destaca Certeau (2008, p. 97), os indivíduos

Traçam trajetórias indeterminadas, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam.

O Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920 mostrou que 43 propriedades agrícolas pertenciam a imigrantes sírios e libaneses assentados no sul capixaba, o que corresponde a 0,5%, mas o número pode ser maior. As trajetórias aqui analisadas podem ser representativas de itinerários seguidos por outros sírios e libaneses capixabas e de outras localidades brasileiras, o que contribuiu para a compreensão de um aspecto dessa imigração ainda pouco explorado.

## Referências Bibliográficas

### Fontes

Inventário de Antônia Crespo, nº 816, 05/01/1927.

Inventário de Ruda Acha, s/nº, 17/02/1914.

Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. Disponível em:< <https://ape.es.gov.br/recenseamento-1920>> Acesso em 20 de jun. 2020.

### Obras de Apoio

ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Estudos sobre estrutura agrária e cafeicultura no Espírito Santo**. Vitória: SPDC/Ufes, 1993.

BARROS, José Luiz; FARIA, João Odilio Guedes. **Trevo da sorte Mimoso do Sul**. Mimoso do Sul –ES: Gracal, 2018.

CAMPOS, Mintaha Alcuri. **Turco pobre, sírio remediado, libanês rico: a trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo**. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. 2.ed. Salvador: Pontocom, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. – São Paulo: Cia. das letras, 1989
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Alimentando o coração: memória e tradição das mulheres imigrantes portuguesas São Paulo 1900 1950. In: SOUSA, Fernando de et al (Org.). **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto: CEPESE, 2014, v. 1, p. 105-123.
- SALETTI, Nara. Sobre a composição étnica da população capixaba. IN: FRANCESCHETO, C. **Imigrantes Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014, p. 34-50.
- \_\_\_\_\_. **Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1889-1930)**. Vitória: EDUFES, 1996.
- SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**. 2019, 388f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1991.
- \_\_\_\_\_. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, B.(Org.). **Fazer a América**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000, p. 315-351.
- \_\_\_\_\_. Sírios e libaneses no oeste paulista: décadas de 1880 a 1950. R. **Bras. Est. Pop.**, v.36, 1-27, e0086, 2019.